

A linguagem falada e a linguagem escrita na afasia do sujeito RG

The spoken and written language in aphasic RG

Iva Ribeiro Cota*
Nirvana Ferraz Santos Sampaio**

RESUMO: Este artigo apresenta uma discussão sobre os desafios e as possibilidades da linguagem falada e escrita na afasia. Inicialmente, propõe-se uma reflexão sobre as relações entre a linguagem, o sujeito e a afasia; em seguida, ressaltam-se as questões sobre a linguagem falada e a linguagem escrita por meio de dados do acompanhamento longitudinal do sujeito afásico RG com ênfase nos fenômenos da parafasia e da paragrafia. Os resultados reafirmam que a intervenção linguística eficaz colabora sobremaneira para a avaliação da linguagem dos sujeitos afásicos e que a fala e a escrita sublinham enigmas que evidenciam um caminho aos acertos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem falada; Linguagem escrita; Afasia.

ABSTRACT: This paper presents a discussion on the challenges and possibilities of the spoken and written language in aphasia. Initially, it proposes a reflection on the relations between language, subject and aphasia, then it underlines questions about spoken language and written language through longitudinal data monitoring of the aphasic RG, with emphasis on the phenomena of paraphasia and paragraphia. The results confirm that the linguistic intervention contributes greatly and effectively for the assessment of aphasic language and speech and writing underline the puzzles which reveal a successful pathway.

KEYWORDS: Spoken language; Written language; Aphasia.

1. Introdução

Este trabalho¹ baseia-se em dados de dezesseis meses de acompanhamento longitudinal do sujeito RG, 35 anos, solteira, brasileira, nível superior², que apresenta, segundo diagnóstico médico, a afasia³ como seqüela de um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi), ocorrido em janeiro de 2009, decorrente de trombose de seio venoso.

* Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Participa do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB.

** Professora Doutora em Linguística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB. Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB.

¹ Vinculado ao financiamento do CNPq processo 471384/2010-0.

² Antes do acometimento neurológico, o sujeito RG ministrava cursos de oratória, fazia um curso de pós-graduação, trabalhava em uma empresa com questões contábeis, lia livros, escrevia e lidava com números com frequência.

³ Coudry (1988) conceitua a afasia como alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Partindo de uma perspectiva linguística, um sujeito é afásico quando o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

O objetivo é avaliar a linguagem em funcionamento nesse contexto, verificando as dificuldades do ponto de vista da neurolinguística discursiva (ND), com destaque na linguagem falada e na linguagem escrita. Para avançar nesses estudos, questiona-se: Quais as particularidades da afasia do sujeito em questão? O que se pode avaliar da fala e da escrita desse sujeito afásico? O que se pode concluir deste estudo de caso do ponto de vista linguístico?

A hipótese que orienta esta pesquisa defende que a língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das dificuldades, visto que a linguagem, que permeia o humano, permite a utilização de processos alternativos de significação, reforçando o papel das interações neste processo que, por sua vez, abre espaço para a subjetividade.

Na abordagem metodológica, trabalha-se com o acompanhamento longitudinal do sujeito RG para compreender a sua afasia de modo interpretativo a partir da análise de dados da sua linguagem em funcionamento, com o foco no dado-achado que provém o movimento teoria-dado-teoria.

O sujeito afásico RG tem sido acompanhado por pesquisadores do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN), no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Mestrado Acadêmico em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECOIA), em atividades individuais e em grupo, com o intuito de avaliar o funcionamento da linguagem e intervir nas dificuldades linguísticas apresentadas em situações significativas.

As atividades individuais caracterizam-se por sessões que buscam evidenciar a forma como o sujeito em questão lida com o funcionamento da linguagem falada e escrita depois do AVCi e do diagnóstico de afasia, partindo de conversas informais, leituras, jogos, filmes, músicas, conversas ao telefone, troca de correspondências por MSN, e-mail, etc. As atividades em grupo são realizadas de forma interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores com o objetivo propiciar situações reais de interação para analisar, compartilhar e socializar experiências. O recorte de dados apresentado neste artigo foram coletados trinta meses após o AVCi e corresponde ao período entre julho de 2011 (quando RG ingressou-se no ECOIA) até novembro de 2012.

Com o início acompanhamento longitudinal, observou-se que RG apresentava dificuldade de evocar palavras, troca de fonemas, dificuldade de leitura, de escrita e de representação numérica, além de déficit na percepção acústica em conversas ao telefone. Nas

atividades em grupo, observou-se que, quando há sobreposição de fala de interlocutores, apresenta dificuldade de compreensão, perda do foco e desvio do tópico conversacional.

A dinâmica da linguagem em funcionamento revelou mudanças no caso do sujeito afásico RG no decorrer do acompanhamento longitudinal, novos rearranjos, as novas organizações tornaram-se possíveis na linguagem falada e escrita graças à plasticidade e ao funcionamento dinâmico do cérebro e ao ambiente discursivo que a ND proporciona.

Para fundamentar este estudo, utiliza-se as discussões propostas, principalmente, por Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Luria (1974) Coudry e Possenti (1983), Coudry (1988; 2002; 2008; 2011; 2010), dentre outros trabalhos que subsidiam esta pesquisa na perspectiva dos estudos linguísticos e no contexto da neurolinguística discursiva. Os dados do sujeito afásico RG foram apresentados em fragmentos denominados de situações enunciativo-discursivas, que serviram de base para elucidar as fundamentações e análises dos fenômenos que englobam a linguagem falada e escrita com ênfase nos fenômenos da parafasias⁴, paragrafias⁵.

O presente trabalho privilegia então uma discussão que apresenta os desafios e as possibilidades da linguagem falada e escrita na afasia. Para essa discussão, metodologicamente, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, apresenta-se uma explanação sobre as relações entre a linguagem, o sujeito e a afasia; em seguida, sublinha-se as questões sobre a linguagem falada e a linguagem escrita no acompanhamento longitudinal do sujeito afásico RG e, por último, apresenta-se o arremate das ideias através das considerações finais.

2. Entre a linguagem, o sujeito e a afasia

Na análise do diagnóstico de afasia, é preciso mergulhar nas nuances que se revelam em torno desse conceito. A afasia como alteração do funcionamento da linguagem é considerada a partir de um evento neurológico e distingue-se das trocas ou dificuldades com a linguagem apresentadas por pessoas em perfeitas condições de saúde.

⁴ O termo parafasia refere-se a uma perturbação da linguagem oral em que a palavra desejada pelo sujeito é substituída por outra não apropriada, ou quando há troca entre os sons pretendidos e aqueles efetivamente realizados.

⁵ A paragrafia é uma perturbação na linguagem escrita que consiste em escrever uma palavra por outra. Segundo Macedo (2010), representa uma forma equivalente à parafasia na escrita, mas considera-se o fato de ser possível “a retomada, a observação, o planejamento, as ocorrências distorcidas de sintaxe ou semântica que se manifestam podem ser avaliadas, percebidas, reformuladas dando indícios de percursos cognitivos realizados pelo afásico para reformulações” (MACEDO, 2010, p. 222).

Jakobson (1970, p. 43) explica que “[...] a afasia pode levar a uma redistribuição das funções linguísticas.”, o que induz a considerar que esse estado afeta tanto um nível linguístico quanto sua relação com outros níveis, afetando a linguagem. Nesse sentido, “[...] se antes a fala transcorria como natural, com todas as marcas da fala humana, no estado afásico, não estão mais tão à disposição de quem fala, havendo uma interrupção no fluxo do discurso.” (COUDRY; et al, 2010, p. 382).

No dado⁶ transcrito a seguir, com o intuito de ilustrar o contexto da afasia neste acompanhamento longitudinal, RG fala sobre a dificuldade de recordar palavras e o surgimento de uma parafasia “opitolupitelo” no lugar de “helicóptero”.

Situação enunciativo-discursiva: 15/07/2011

Quadro 1: Dado 1: Opitolupitelo

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	RG	Vai tá palavras que não tem nada a ver. Por exemplo, avião. Não tem avião? Tem um negócio que é bem parecido. Como é que é o nome?	Risos.	
2	Itn	Helicóptero?		
3	RG	Sim. Aí você fala assim, escreve ou fala aí essa palavra: Opitolupitelo.		
4	Itn	Opitolupitelo.		
5	RG	E parece que é uma coisa normal. Sabe assim? Você fala assim essa menina é louca, sabe?		
6	Iic	Na hora que você fala você não se dá conta?		
7	RG	Isso.		
8	Iic	Que você tá dizendo outra palavra.		
9	RG	Ontem eu tava com meu cachorro e é engraçado que ele coloca uma orelha pra cá e outra pra cá. Eu falo cachorro tem orelhinha de opitolupitelo. Mainha cá, cá, cá. Orelhinha de opitolupitelo. E eu falo assim como se fosse a /	Risos.	Demonstra com as mãos as direções contrárias para as orelhas.

⁶ Os dados transcritos neste trabalho seguem, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. A sigla RG corresponde ao sujeito afásico e as siglas Iic e Itn aos pesquisadores.

10	Iic	Palavra.		
11	RG	Sabe, assim? Aí depois eu dou conta que /. Ah, minha mãe é aquela palavra que você sabe o que que é. Porque ela já sabe, não é? Aí ela fala, minha filha, se alguém ver isso / você não é normal. Eu não sou uma pessoa normal mesmo.	Risos.	

Nesse dado, além do impasse vivenciado com a substituição da palavra desejada “helicóptero” por “opitolupitelo”, obtém-se um testemunho de como esse sujeito vivencia essa situação por meio da sua fala: “E parece que é uma coisa normal [...]”, no turno 5. Com a reação de risos da mãe, comentada no turno 9, é que RG relata a reavaliação do que foi dito e, no turno 11, diz: “Aí depois eu dou conta que /. Ah, minha mãe é aquela palavra que você sabe o que que é.”, revelando o processo que desencadeia um relação constitutiva entre sujeito e linguagem.

Na escrita, alterações de processos linguísticos também são perceptíveis como no dado a seguir, retirado da agenda diária de RG. No episódio, RG registra uma mudança de horário de uma terapia, empregando a palavra “reparcou” no lugar de “remarcou”.

Situação enunciativo-discursiva: 16/03/2012

The image shows a close-up of handwritten text on lined paper. The first line reads '-> Doc. no oi - Veronica.' and the second line reads '-> Terapia - 16:30 - reparcou'. The word 'reparcou' is written in blue ink, which is the focus of the study.

Figura 1. Dado 2: Reparcou.

Transcrição:

- Doc. no oi Veronica.
- Terapia – 16:30 – reparcou

Nesse dado, observa-se a seleção de um grafema inapropriado para a escrita da palavra desejada, quando escreve “reparcou” no lugar de “remarcou”, assinalando a substituição do grafema “m” por “p”, transparecendo uma instabilidade fonológica que cerca a linguagem em funcionamento do sujeito RG.

Na perspectiva de estudo da afasia adotada neste trabalho, as interpretações feitas a partir de uma produção oral ou escrita do sujeito não decorrem apenas da suposição de

substituição de uma palavra por outra, nem tampouco de revelar uma produção intencionada, mas na tentativa de reconhecer as relações discursivas envolvidas e se aproximar do funcionamento da linguagem (ISHARA, 2010).

Para compreensão desses dados, o conceito de linguagem é tomado como uma atividade que se constitui “[...] na dimensão contextual e social em que os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeito, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade” (COUDRY, 1988, p. 47). Assim,

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, p. 22)

Cabe destacar que “[...] a linguagem não se limita às ‘formas’. Por isso, o que há de lingüístico além das formas também deve ser avaliado.” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 99). Desse prisma, a linguagem é um modo de significar o mundo em um trabalho coletivo que inclui a subjetividade, e essa significação se dá pelas mais diversas maneiras, pois “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.” (SAUSSURE, 1916, p. 16).

Nesse contexto, ao avaliar a linguagem em funcionamento, considera-se que

A avaliação de linguagem que deriva dessa perspectiva relaciona-se aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar. A avaliação leva em conta, por constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja, ou pode se engajar, as tendências que a língua pode manifestar quando o sujeito trabalha com os processos patológicos, exibindo a ação criadora afeita ao exercício da linguagem por sujeitos pragmáticos. (COUDRY, 2002, p. 111)

O estudo da afasia envolve, portanto, um sujeito que se manifesta por meio da linguagem, tem um papel ativo e reconstitui-se na interação, pois “[...] é a partir da prática discursiva e de seus constituintes que aquilo que o sujeito identificou na língua passou ou passa a ‘fazer’ sentido para ele.” (MORATO, 2001, p. 167). E o que aqui se apresenta como

acompanhamento longitudinal é uma proposta abrangente que envolve interação, situações discursivas em que:

O trabalho de reconstrução dos objetos lingüísticos perdidos é um trabalho em conjunto, rico de experiências recíprocas, de relações intersubjetivas e pessoais em que se criam ‘os compromissos de uma cumplicidade, base para o estabelecimento das relações entre os interlocutores’ afásicos e não afásicos. (FRANCHI, 1986, p. XIII)

Essa cumplicidade pressupõe uma relação simétrica entre os que interagem com esses sujeitos, pois considera-se o fruto dessas relações que se constituem em ação. O que se evidencia é uma avaliação da linguagem em funcionamento com todos os seus múltiplos usos e com particularidades do sujeito que a desenvolve, visto que

[...] a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia), diferentemente da abordagem tradicional assentada em tarefas essencialmente metalingüísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta de língua, insere-se no exercício de *práticas que fazem sentido* para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem. Por isso, nessa perspectiva, se avalia como o sujeito expressa sentidos e interpreta o jogo verbal de que participa como sujeito falante de uma língua natural, levando em conta que o sentido não é dado previamente, mas se faz em meio a contingências enunciativas e ântropo-culturais. (COUDRY, 2002, p. 112)

A esses conceitos que englobam a linguagem, correlaciona-se a definição de comunicação utilizada neste trabalho que “[...] se situa em relação ao seu uso social, aberta aos fatores que a condicionam e determinam na interação dos interlocutores, em sua relação com o mundo e a cultura.” (FRANCHI, 1977, p. 10), e, no entanto, “[...] não é a função única, nem mesmo a função essencial da linguagem: ela permite antes a reflexão e o pensamento.” (FRANCHI, 1977, p. 19).

Essas considerações devem remeter ao conceito de sujeito que “[...] tem um trabalho para exercer com/na/sobre a linguagem em relação ao(s) outro(s) e ao mundo (re)organizado” (COUDRY, 2002, p. 102), pois “[...] há linguagem na afasia quando há sujeito” (COUDRY, 2002, p. 102). Deixar de considerar as particularidades desse sujeito é negar a subjetividade. Dessa maneira, “O trabalho com sujeitos reais, historicamente situados, nos força a reconhecer e a explorar teoricamente o fato de que eles costumam usar a linguagem, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita, de maneira por vezes absolutamente singular.” (ABAURRE;

COUDRY, 2008, p. 173-174), o que não pode ser apenas categorizado em padrões pré-estabelecidos.

A partir dessa base, conceitua-se língua como “[...] as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem.” (COUDRY, 1988, p. 56), uma vez que a língua está situada para além de qualquer pessoa e anterior a qualquer sujeito, mas o determina. Nesse processo, engloba-se a constituição da subjetividade, pois “[...] saber uma língua é constituir-se pessoalmente de enunciações e constituir-se através dela. Sabe a língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, levando em conta leis sociais indicativas de processos de construções de enunciados [...]” (COUDRY; POSSENTI, 1983, p. 100).

Destaca-se que a língua “[...] é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 1916, p. 17). Nesse sentido, sublinha-se o seu caráter social, suas regras estabelecidas socialmente, para só então o sujeito exercê-las individualmente.

No contexto da afasia em destaque neste estudo, evidencia-se, conforme Coudry e Bordin (2012, p. 135), “[...] uma barreira para experienciar, de novo, a língua em uso[...]” e dentro do universo de apagamentos que cercam o sujeito afásico é que se constituirá o alvo das relações com a língua, pois não se pode deixar de considerar que “A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.” (SAUSSURE, 1916, p. 22).

Considera-se, ainda, que “Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala.” (SAUSSURE, 1916, p. 22). Esse destaque direciona o olhar para o estudo da fala para evidenciar o funcionamento da língua e é peça chave para este estudo, pois as tentativas do sujeito afásico de reestruturar a sua fala estão previstas na língua.

Saussure (1916) esclarece a questão do fenômeno psíquico que pode ser representado quando um dado conceito suscita no cérebro uma imagem acústica, seguido de um processo fisiológico em que o cérebro transmite aos órgãos de fonação um impulso correlacionado à imagem. Para Freud (1891), o psíquico representa “[...] um processo paralelo ao fisiológico [...]” (FREUD, 1891, p. 31) sendo ao mesmo tempo dependente e concomitante.

Nesse sentido, cabe explorar a aproximação entre o estado afásico e a entrada das crianças no mundo das letras que, segundo Coudry e Bordin (2012),

[...] não estão no mesmo lugar, mas se encontram, tendo o afásico saído do sistema da língua, na qual tenta reentrar, e a criança tendo revivido seu percurso de sujeito na linguagem em direção a um novo percurso que se inicia na sua relação com a letra e a voz; ou seja, com o que pode ser escrito, inscrito no corpo. (COUDRY; BORDIN, 2012, p. 136)

A afasia apresenta empecilhos para o sujeito exercer a língua novamente e a entrada da criança no mundo das letras pode representar uma barreira para aprender a ler e a escrever.

Para inferir sobre essas questões, demarca-se que o conceito da fala envolve

[...] um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 1916, p. 22)

A fala engloba, portanto, aspectos amplos que vão desde as associações dentro do código da língua até a exteriorização desse processo. Nessa perspectiva, a fala baseia no fato de que

Falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical: quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enunciados. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que éle próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum. (JAKOBSON, 1969, p. 36-37)⁷

Esse excerto remete às particularidades que a fala sublinha, pois ela representa uma manifestação individual atrelada às entidades lingüísticas. Representa, ainda,

[...] claramente uma estrutura psicológica altamente complexa que incorpora vários componentes diferentes. As características gerais da atividade de fala como uma forma especial de comunicação social representam apenas um

7 Não cabe aqui entrar nas críticas feitas ao esquema de Jakobson (1969) como redutor e simplificador dos processos de comunicação humana assimilando-o com o esquema cibernético da teoria da informação que, como se sabe, não foi concebida para dar conta do sentido, mas formulada pelos engenheiros das tecnologias da informação para medir a quantidade de sinais que podem passar em simultâneo pelas redes da informação, tais como telégrafos e telefones. O que importa neste trabalho é o fato de que se o sistema está preservado, as substituições, previstas pelo sistema, não o transgridem, visto que os interlocutores, falantes de uma mesma língua, conseguem, em cooperação e contexto, vincular significantes a significados, assegurando o valor lingüístico.

aspecto deste processo. Existem, contudo, outros aspectos da fala: como *instrumento para a atividade intelectual*, e, finalmente, como um método para *regular* ou organizar processos mentais humanos. (LURIA, 1974, p.269)

Concentra-se, neste estudo, no sujeito afásico que apresenta especificidades advindas de um evento neurológico e que interferem no seu papel de falante. Por isso, busca-se um trabalho com bases na ND que se constitui de um “[...] conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam.” (COUDRY, 2008, p. 16).

A escrita, como a fala, envolve atividades linguísticas e cognitivas imersas em dimensões discursivas. Dessa forma, salienta-se o papel social na vida desses sujeitos e seu valor intersubjetivo nas práticas discursivas, pois

A escrita é multifuncional para alguns sujeitos, ou seja, num momento o sujeito afásico usa a escrita para falar, no outro, a usa no lugar da fala, em outros, ainda, toma a escrita em suas especificidades. Em alguns sujeitos, a escrita apresenta-se mais expandida que a fala; em outros, a fala é mais expandida que a escrita. Isto evidencia mais uma vez que não existe uma sobreposição de ‘problemas’ de linguagem. Há, sim, sujeitos que, pelas diferenças de produção da oralidade e da escrita, saem-se melhor numa modalidade que em outra. (SANTANA, 2002, p. 149-150)

As dimensões múltiplas que cercam o sujeito afásico no âmbito da fala e da escrita devem, dessa maneira, envolver uma base que contemple teorias linguísticas voltadas para a subjetividade e para questões históricas e sociais, pois

A avaliação e o acompanhamento do afásico, sob uma dinâmica heurística que produz conhecimento de processos de significação verbais e não verbais. Instrui e produz um (re)conhecimento mútuo de dificuldades e soluções, encontradas na interlocução e dialogia: lugar em que se cruzam discursos e por onde circulam outros sistemas semióticos que partilham com a língua a produção e compreensão de sentidos. (COUDRY, 2002, p.102)

Assim, conduz-se à percepção da importância de considerar o dado-achado que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos em que a teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria.

No universo que cerca a linguagem do afásico destaca-se que “Para estudar, de modo adequado, qualquer ruptura nas comunicações, devemos, primeiro, compreender a natureza e a

estrutura do modo particular de comunicação que cessou de funcionar.” (JAKOBSON, 1969, p. 34), pois cada caso traz especificidades que devem ser consideradas, já que o universo que constitui essa linguagem não se limita a categorias. Nesse sentido, apresenta-se, a seguir, uma seção sobre a linguagem falada e outra sobre a linguagem escrita em dados do sujeito afásico RG.

3. A linguagem falada em dados do sujeito afásico RG

A linguagem falada é analisada nos dados deste estudo neurolinguístico com ênfase no fenômeno parafasia, “[...] uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra não apropriada que tem no entanto uma certa relação com a palavra exacta.” (FREUD, 1891, p. 9), que contempla os desafios enfrentados pelo sujeito RG na fala.

Por meio da literatura neuropsicológica e neurolinguística tradicional a caracterização e a classificação das parafasias e paragrafias podem ser descritas, segundo Reisdorfer (2007), como fonológica (quando há substituições de fonemas), neologizante (cujos processos subjacentes são os mesmos das parafasias fonológicas, mas com o aumento da dificuldade para que se compreenda qual é o referente), lexical (quando há substituição de uma palavra por outra) e semântica (quando as substituições estão ligadas ao mesmo espaço de significação ou semântico), mas ressalta-se que a aplicação desses termos são terminologias linguísticas que nos permitem falar sobre eles em uma comunidade científica. No contexto da ND, explicita-se melhor o que esses conceitos podem destacar de normalidade.

Uma amostra das parafasias utilizadas pelo sujeito RG é explicitado no dado a seguir no qual RG conta um episódio em que tentava chamar o seu cachorro que estava no quintal e resgata a fala de seu irmão com quem conversava no momento.

Situação enunciativo-discursiva: 26/08/2011

Quadro 2: Dado 3: Você não vai chover, não?

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Aí eu na cozinha, né? E o meu irmão na sala. Esse cachorro eu não sei não. “Como é que você tem um cachorro dentro de casa que parece uma pessoa”. Ele é uma pessoa. “Pessoa onde? Só se for na sua cabeça”. Bebê venha, bebê venha. Eu olhei pra ele e falei: “Você não vai chover, não? Você não vai chover, não?” Aí ele me olhou e disse: “Chover?” Não e é desse jeito. “Você não vai chover? Chover aonde, RG?” E eu olhei: “Chover?” Ô não era chover, não. Era pra entrar.		

O emprego do verbo “chover” no lugar do verbo “entrar”, no dado 3, delinea os conceitos de parafasia lexical e semântica, pois pode-se explorar que além da substituição de palavras que destacam o aspecto lexical, há o campo semântico que remete à possibilidade de RG chamar o cachorro para entrar porque pode chover. Acrescenta-se, ainda, que RG comete parafasias de outras ordens que evidenciam dificuldades de distinção no aparelho fonador, devido a semelhanças entre palavras ou ao contexto que serão analisadas em outros dados deste estudo.

Nesse sentido, esclarece-se que “[...] a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam [...]” (FREUD, 1891, p. 9). O que se tem como distintivo entre o normal e o patológico é o evento neurológico e o nível de incidência dessas parafasias ou paragrafias que vai além das trocas esporádicas que podem acontecer em um sujeito dentro de padrões de normalidade.

Para Freud (1891), a parafasia relaciona-se à redução do aparelho da linguagem e, neste trabalho, direciona-se essa base conceitual também para as paragrafias. Este aparelho “[...] dispõe de uma tal riqueza de expressões sintomáticas que só dele podemos esperar a revelação,

através do tipo de perturbação funcional, não só da localização mas também da natureza da lesão.” (FREUD, 1891, p. 15).

O aparelho da linguagem é constituído de associações e a palavra é concebida como unidade funcional da linguagem que representa “[...] uma complexa representação que consiste nas imagens mencionadas ou, por outros termos, à palavra corresponde um intrincado processo associativo em que vêm a entrar os elementos já mencionados, de providência visual acústica e cinestésica.” (FREUD, 1891, p. 46). O significado da palavra provém da associação à ideia que esse objeto representa (pelo menos é o que Freud constata com os substantivos) e essa ideia ou conceito associa-se a outro complexo de associações com as mais diversas impressões visuais, auditivas, táteis, cinestésicas.

Os relatos de acompanhamentos médicos do sujeito RG direcionam que a lesão advinda do AVC acometeu uma região da segunda unidade funcional do cérebro (cuja função primária é a recepção, análise e o armazenamento de informações), pois o que se evidencia é uma lesão “temporo occipital”. À luz dos estudos de Luria (1974) é possível inferir que:

Os distúrbios de audição fonêmica e de memória audioverbal produzidos por uma lesão das zonas secundárias do lobo temporal esquerdo são de caráter parcial e modalmente específico, e, em função da lei de ‘dissociação dupla’, deixam intactas as outras funções perturbadas por lesões em outras situações. Essas funções incluem percepção visual, entendimento de relações lógico-gramaticais, operações matemáticas, e assim por diante. Entretanto, vários processos psicológicos complexos são severamente perturbados em casos de lesões das zonas secundárias da região temporal esquerda, e esses distúrbios, intimamente vinculados ao prejuízo da audição de fala, são de caráter *secundário* ou *sistêmico*. Esses distúrbios incluem desordens de compreensão da fala, de nomeação de objetos e da recordação de palavras, ao lado de características perturbações da escrita às quais se deve prestar especial atenção. (LURIA, 1974, p. 114-115, grifo nosso)

As investigações deste excerto explicitam os distúrbios que podem ser desencadeados e as formas particulares que podem assumir a partir da lesão das zonas secundárias. Para explorar esse contexto, apresenta-se o dado a seguir em que RG comenta sobre o processo de avaliação médica do ACV.

Situação enunciativo-discursiva: 15/07/2011

Quadro 3. Dado 4: Agóstico

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações sobre condições do enunciado não verbal
1	RG	Na verdade o meu ag\ ag \ agóstico.		
2	Iic	Di.	<i>Prompting</i> para a palavra diagnóstico.	
3	RG	I?		
4	Iic	Di. DI-A-G.	<i>Prompting</i> para a palavra diagnóstico	
5	RG	Di-agnóstico. Foi muito assim metade \ me \ me\ por metade. Por exemplo, assim, ah\ quando o médico me deu o AVC, me deu o \ me deu alta\ ele não me deu assim um \ me deu alta mas assim eu vou lhe dar um relatório que você teve um AVC, não. Eu fui pra Salvador, aí a médica falou assim eu acho que ela teve um AVC. Falou com mainha, né.		

O que se evidencia nessa transcrição é que RG busca, entre pausas, resgatar a palavra desejada e surge a parafasia “agóstico” no lugar de “diagnóstico”. Na sequência, transparece, no turno 3, a dificuldade de compreensão do *prompting* e o caminho trilhado por meio da interação com o investigador Iic até chegar à palavra desejada. Todos esses aspectos sublinham as desordens de compreensão da fala, de nomeação de objetos e da recordação de palavras apontadas por Luria (1974) nos casos de lesão das zonas secundárias do lobo temporal esquerdo, mas é mister ressaltar que a linguagem falada pode revelar algo mais: as suas múltiplas possibilidades por meio interação, da linguagem em funcionamento.

4. A linguagem escrita em dados do sujeito afásico RG

A seguir, apresenta-se um dado de escrita em que o sujeito RG buscava descrever a trajetória vivida desde o AVC e traçar planos para o futuro. No trecho, surge a paragrafia “derminar” no lugar de “terminar”.

Situação enunciativo-discursiva: 28/09/2012

Figura 2. Dado 5: Derminar

Transcrição:

Para o futuro: Derminar o curso de massoterapia, talvez voltar para Brasília tentar um

A substituição do grafema “t” por “d” gera a parafasia “derminar” no lugar de “terminar” e vem sugerir os indícios que contribuem para analisar os impactos da afasia e as novas relações que o sujeito RG tem com a linguagem escrita.

Saussure (1916), para explicar a dinâmica da escrita, destaca que “[...] conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada; cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e inconvenientes de tal processo.” (SAUSSURE, 1916, p. 33). Desse modo, diversos aspectos estão presentes no trabalho com a escrita como o conhecimento do sujeito como falante, participante de uma comunidade que domina uma determinada variedade e o conhecimento que tem da escrita inserida em práticas sociais que o cercam. Santana (2002) arremata essas considerações ao inferir que:

[...] a escrita não se resume a palavras soltas, sílabas complexas, frases simples. Os sujeitos reconhecem o valor social da escrita e de suas práticas discursivas num nível muito mais sofisticado e conveniente, como produção de sentidos, e não de classificação gramatical; não numa escrita de sílabas, mas numa escrita de atividades significativas e cotidianas [...]. (SANTANA, 2002, p. 149)

Na situação enunciativo-discursiva intitulada “Vora/Fora”, resgatada a seguir, RG e Iic conversam sobre o curso de Massoterapia que RG começou a fazer. Iic pede a RG que registre por escrito as metas que pretende alcançar com o curso.

Situação enunciativo-discursiva 02/05/2012

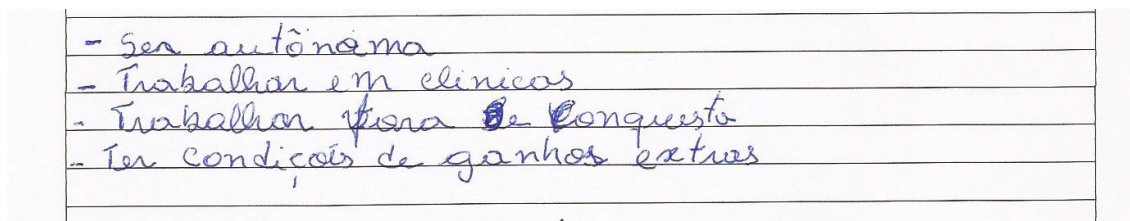


Figura 3. Dado 6: Vora/Fora

Transcrição:

- Ser autônoma
- Trabalhar em clínicas
- Trabalhar (f)vora de Conquista
- Ter condições de ganhos extras

Nessa situação enunciativo-discursiva, RG depara-se com uma dificuldade para selecionar os grafemas para escrever a palavra “fora” no terceiro enunciado. Primeiramente, registra a forma “vora”, dá uma pausa, retoma por si só a escrita e corrige automaticamente retocando um “f” no lugar do “v” para registrar a palavra “fora”. O que fica latente é que

O fato de podermos substituir um elemento por outro mostra que a língua tem um paradigma, ou seja, um conjunto de elementos da mesma natureza que podem ocorrer num determinado lugar (contexto, ambiente). A substituição de um elemento desse conjunto por outro pode ou não mudar o significado total do sintagma, criando ou não palavras novas. (CAGLIARI, 2002, p. 23-24)

Ao deparar com a dificuldade de seleção e optar por uma escolha que não é adequada, RG não faz algo impossível para a língua, pois “Todo falante nativo age lingüisticamente em função do sistema de sua língua.” (CAGLIARI, 2002, p. 27). Oscilando entre [v] e [f], perpassa-se por um terreno comum, ambas são fricativas lábio-dentais, o que as distingue é apenas a sonoridade.

A pausa de RG, a retomada da palavra e o ajuste feito na escrita levam a supor sobre a força do sistema. A correção por parte do falante confirma a percepção de que os segmentos em questão são fonemas no português, por isso, opositivos e contrastivos, não podendo ser comutados indistintamente. Nesse percurso, considera-se que

A função opositiva e distintiva é a função fonológica que permite – através do teste de comutação, isto é, da substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado – fazer o levantamento de todos

os sons que exercem a função de fonemas numa língua ou do valor fonológico que as demais unidades têm. (CAGLIARI, 2002, p. 24)

O momento “fotográfico”, registrado no dado da escrita de RG, pode ilustrar o processo normal de seleção psíquica que se realiza para emitir as ideias. Cabe, ainda estabelecer um aproximação entre afásicos, que deixam de exercer a língua, e crianças com sua entrada na língua escrita (COUDRY; BORDIN, 2012), essa teorização baseia-se em práticas com a linguagem envolvendo a fala, leitura e escrita que se somam à teorização desenvolvida atualmente pela ND à luz de Jackson, Freud e Jakobson.

Ao focalizar as questões sobre as parafasias e as paragrafias que se manifestam por meio da fala, da escrita e da leitura, “[...] é importante ressaltar que tanto a fala quanto a escrita e a leitura são guiadas pelo sentido. É o sentido que conhecemos pela fala e que exercemos na família, no bairro, na igreja, na escola, por exemplo, que reconhecemos nos textos que lemos e escrevemos.” (COUDRY, 2012, p. 3) e que deve ser explorado nos estudos de afasia, pois esse sentido constitui o sujeito e a sua linguagem.

5. Considerações finais

O que se destaca é que a linguagem pode ser interpretada não apenas na ordem daquilo que é dito, pressupondo uma mensagem pronta e dissociada do sujeito e do mundo, mas na ordem da relação entre os dizeres e seus subentendidos, como um processo ativo, dinâmico, construído nas relações.

Sendo assim, o significado da palavra e o seu entendimento na fala, na escrita e nas demais situações, dependem da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos podem ser destacados no estudo do funcionamento da linguagem após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, pois, o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto.

Os resultados reafirmam que a intervenção linguística eficaz colabora sobremaneira para a avaliação da linguagem dos sujeitos afásicos e que a fala e a escrita do sujeito afásico RG sublinham enigmas que evidenciam um caminho aos acertos.

Referências

ABAURRE, M.B.M.; COUDRY, M.I.H. Em torno de sujeitos e de olhares. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008; v. 6, n. 2: p. 171-191.

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica**: Introdução à teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de letras, 2002.

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

_____. O que é dado em Neurolinguística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194

_____. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 2002, p. 99-129.

_____. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v.6, 2008, p. 7-36.

COUDRY, M.I.H. (Coord.). Oralidade e escrita. In: _____. **Conexão linguagem**. Disponível em:
<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/bitstream/handle/mec/21589/Atividade%203.pdf%20?sequence=2>. Acesso em 27 de agosto de 2012a.

COUDRY, M.I.H.; BORDIN, S.S. Afasia e infância: registro do (in)esquecível. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 54.1, Campinas, Jan./Jun., 2012, p. 135-154.

COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, 399 p.

COUDRY, M.I.H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva, in: **Almanaque**, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.

_____. Prefácio, 1986. In: COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)

ISHARA, C. A classificação como obstáculo. In: COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 69-91.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62. (Edição consultada: 1999)

_____. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE, M. (Org.). **Novas perspectivas lingüísticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984).

MACEDO, H.O. A semiologia da escrita nas afasias. In: MORATO, E. M. (Org.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 214-242.

MORATO, E.M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143-169.

REISDORFER, I.M.S. **A caracterização das parafasias na perspectiva da neurolinguística discursiva**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Dep. de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007, 106 p.

SANTANA, A.P. **Escrita e afasia: A linguagem escrita na afasiologia**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006.

Artigo recebido em: 13.09.2013

Artigo aprovado em: 30.11.2013